

>> Artigo

Do canto do sabiá às vozes de estudantes do ensino médio: releituras do poema “Canção do exílio”

Luana de Gusmão Silveira ¹

Marizete Bortolanza ²

Resumo:

Este artigo tece reflexões e análises acerca das contribuições do gênero poema para o trabalho com leitura e escrita na Educação Básica a partir de uma experiência pedagógica desenvolvida em cursos técnicos de nível médio de uma instituição da Rede de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. As produções textuais analisadas são releituras produzidas pelos alunos nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura, com turmas do terceiro ano do Ensino Médio, resultando na publicação de um e-book. Diante disso, serão apresentadas as etapas do percurso metodológico da proposta, que considera a leitura e a escrita na escola, assim como o poema e seus efeitos de sentido (SOARES, 2004), recursos para assegurar o protagonismo dos estudantes na sala de aula (CASTRILLÓN, 2011). Os resultados indicam que a proposta foi significativa na formação do sujeito leitor-escritor, visto que alcançou o objetivo de tornar o estudante protagonista do processo de escrita, proporcionando a ocupação de um lugar verdadeiramente autoral. Ainda, a experiência revela a possibilidade de inserir a leitura e a escrita em contextos reais de comunicação, atribuindo sentido às atividades escolares e efetivando, no espaço educativo, a articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave:

Leitura. Escrita Criativa. Poema. Autoria. Educação Básica.

From the sabiá's song to high school students' voices: rereadings of “Canção do exílio”

Abstract: This paper presents reflections and analyses on the contributions of poetry to reading and writing in Brazilian basic education, based on a teaching experience carried out in upper secondary technical courses at an institution within the Rede de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. The textual productions analyzed are rereadings written by third-year high school students during the Portuguese Language and Literature classes, resulting in the publication of an e-book. Therefore, the stages of the methodological process underlying the proposal are then presented, considering reading and writing at school, as well as poetry and its meanings (SOARES, 2004), as resources to foster student

¹ Mestre em Linguística, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Garopaba, Santa Catarina, Brasil. E-mail: luana.gusmao@ifsc.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2160-5327>

² Doutora em Educação, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: marizete.spassatto@ifsc.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0213-833X>

agency in the classroom (CASTRILLÓN, 2011). The results indicate that the proposal was significant for the development of the reader-writer subject, as it achieved its goal of fostering students' authorship in the writing process, enabling them to assume a genuinely authorial role. Additionally, the experience highlights the potential of situating reading and writing in real-life communication contexts, imbuing school activities with meaning and establishing, within the educational space, an articulation between teaching, research, and community engagement.

Keywords: Reading. Creative Writing. Poetry. Authorship. Basic Education.

Del canto del sabiá a las voces de estudiantes de secundaria: relecturas de “Canção do exílio”

Resumen: Este artículo presenta reflexiones y análisis sobre las contribuciones del poema al trabajo con la lectura y la escritura en la educación básica brasileña, a partir de una experiencia pedagógica desarrollada en cursos técnicos de nivel medio de una institución perteneciente a la Rede de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Las producciones textuales analizadas corresponden a relecturas elaboradas por estudiantes del tercer año de secundaria en clases de Lengua Portuguesa y Literatura, que dieron lugar a la publicación de un libro electrónico. A continuación, se describen las etapas del proceso metodológico que sustenta la propuesta, en la que la lectura y la escritura en la escuela, así como el poema y sus efectos de sentido (SOARES, 2004), se conciben como recursos para fomentar la agencia estudiantil en el aula (CASTRILLÓN, 2011). Los resultados indican que la propuesta resultó significativa en la formación del sujeto lector-escritor, en la medida en que permitió que el estudiantado asumiera un papel protagónico en el proceso de escritura, ocupando un lugar genuinamente autorial. Asimismo, la experiencia pone de relieve la posibilidad de situar la lectura y la escritura en contextos reales de comunicación, dotando de sentido a las actividades escolares y favoreciendo, en el espacio educativo, la articulación entre docencia, investigación y extensión.

Palabras clave: Lectura. Escritura Creativa. Poema. Autoría. Educación básica.

1 Introdução

Se há inflação de poetas significantes, faltam amadores de poesia – e amar a poesia é forma de praticá-la, recriando-a. O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas e, depois, como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética. [...] Alguma coisa que se bolasse nesse sentido, no campo da Educação, valeria como corretivo prévio da aridez com que se costuma transcrever os destinos profissionais, murados na especialização, na ignorância do prazer estético, na tristeza de encarar a vida como dever pontilhado de tédio. (ANDRADE, 1974, p. 01).

No trabalho com linguagens em sala de aula, alguns questionamentos têm-se colocado com muita frequência: como desenvolver o processo de ensino-aprendizagem da literatura cumprindo os conteúdos programáticos sem torná-lo obsoleto, descontextualizado e desprovido de significado? Como possibilitar que os jovens tenham contato com o conteúdo literário sem deixarem de fruir e fluir de forma satisfatória por seus percursos enquanto leitores? E, por fim, retomando as palavras do poeta Drummond de Andrade que abrem este texto, como proporcionar a formação de “amadores de poesia” e, acrescentaríamos, amadores da língua materna e da literatura?

Tais questões sempre nos inquietaram enquanto educadoras e pesquisadoras. Com base em experiências desenvolvidas em sala de aula, arriscamos afirmar que, a partir da consolidação de um olhar sensível para os sujeitos e para as práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento

da leitura e da escrita, é possível formar leitores e – por que não? – escritores capazes de se apropriarem efetivamente da cultura letrada. Promover esse processo como ferramenta de emancipação dos sujeitos que passam pelos bancos escolares tem sido uma busca permanente em nossa atuação na área da linguagem. Em consonância com esse propósito, encontram-se também as orientações presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, ao abordar o campo das Linguagens e suas Tecnologias no Ensino Médio, destacam:

Por ser um período de vida [no Ensino Médio] caracterizado por mais autonomia e maior capacidade de abstração e reflexão sobre o mundo, os jovens, gradativamente, ampliam também suas possibilidades de participação na vida pública e na produção cultural. Eles fazem isso por meio da autoria de diversas produções que constituem as culturas juvenis manifestadas em músicas, danças, manifestações da cultura corporal, vídeos, marcas corporais, moda, rádios comunitárias, redes de mídia da internet, gírias e demais produções e práticas socioculturais que combinam linguagens e diferentes modos de estar juntos. (BRASIL, 2017, p. 481).

Nessa direção, ao refletir sobre a dinâmica entre os atos de ler, escrever e reescrever, Marisa Lajolo destaca que: “Ler é bom quando é uma forma de reescrever o que se lê, sendo essa reescritura uma forma de vestir-se de palavras, de tomar posse da linguagem, de compor novas faces, braços e pernas, de ensaiar novas formas de estar no mundo e interagir com ele” (LAJOLO, 2012, p. 11).

Para contribuir com essa dinâmica, faz-se necessária a adoção de práticas pedagógicas significativas para os educandos, com objetivos claros, mediadas por um olhar sensível e, ao mesmo tempo, crítico do professor, assim permitindo ao estudante um espaço de autonomia e de protagonismo. A atividade pedagógica a ser descrita neste artigo partiu desse pressuposto, propondo a leitura, a análise e a reescrita do poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias (1843), que serviu como mote para que os estudantes pudessem elaborar suas próprias canções do exílio.

Cabe contextualizar que o poema original, escrito por Gonçalves Dias em 1843, enquanto o autor estudava Direito na Universidade de Coimbra, insere-se na tradição literária da primeira geração do Romantismo brasileiro, um período marcado pela valorização da natureza e pela busca de uma construção simbólica da identidade nacional. Gonçalves Dias, vivendo em um contexto de distanciamento da sua terra natal, produziu um poema que mobiliza a saudade como eixo temático e associa a exaltação das paisagens brasileiras à afirmação de uma literatura que buscava se consolidar como expressão de uma nação, de um país independente. Sobre o poeta, Candido (2006, p. 160) explicita que:

Reconhecido por todos como fundador da poesia brasileira, Gonçalves Dias era por alguns considerado o modelo necessário. Dentro dos critérios de nacionalismo estético, imperantes em nosso Romantismo, julgou-se o valor dos poetas pela presença ou ausência, na sua obra, do pitoresco nacional, mormente o indígena.

Ao propor a releitura desse poema em sala de aula com um grupo de aproximadamente 60 jovens, divididos em duas turmas, mobilizou-se não apenas um texto consagrado do Romantismo, mas um discurso historicamente associado à construção da ideia de Brasil. A estratégia não foi propor a leitura do poema com foco apenas na análise de elementos formais desse gênero de texto, como rima, ritmo e sonoridade, levando os estudantes a refletirem sobre a dimensão simbólica do texto. Pode-se perceber, no decorrer das análises apresentadas adiante,

que é justamente essa dimensão que se tensiona nas produções dos estudantes participantes do projeto, cujos versos poéticos atualizam, questionam e ressignificam os sentidos atribuídos ao Brasil do século XIX, evidenciando não só a literatura como um espaço de diálogo entre o passado e o presente, mas também como uma ferramenta capaz de mobilizar sentidos de forma crítica em relação às questões que constituem o Brasil atual.

É no esteio desses conceitos que se efetivou a análise dos textos produzidos pelos estudantes e compartilhados neste artigo, tomando a leitura do poema de Gonçalves Dias e a escrita dos alunos sob dois aspectos principais: a reflexão sobre o papel do texto literário, como forma de entender tanto o presente quanto o passado (CANDIDO, 2006) e a possibilidade de protagonismo dos estudantes, ao se tornarem autores dos poemas (CASTRILLÓN, 2011).

2 A articulação entre leitura, literatura e produção de texto: um percurso metodológico

O projeto de ensino que deu origem a este artigo foi desenvolvido na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura II, com aproximadamente 60 alunos vinculados a cursos técnicos de Administração e de Informática integrados³ ao Ensino Médio. Os cursos são ofertados pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), no *campus* Garopaba, localizado no litoral sul do estado. A proposta foi organizada em diferentes etapas, ao longo das quais foram sendo construídas, com criticidade e, sobretudo, criatividade, as releituras do “Canção do exílio”.

Como ponto de partida, buscou-se contextualizar o Romantismo brasileiro, problematizando com os estudantes a seguinte questão: *como construir a identidade literária de um país?* Essa foi a pergunta que serviu como pano de fundo para introduzir a análise não só do poema, como também do contexto histórico, político e social da época em que ele foi produzido.

Na sequência, realizaram-se a leitura e a análise minuciosa do poema selecionado, permitindo aos estudantes compreenderem os efeitos de sentido produzidos pelas imagens da natureza e pela idealização do território nacional nele presentes. Tal movimento favoreceu a percepção de que a exaltação desses elementos atuou como símbolo para a tentativa de consolidar uma nacionalidade brasileira, como bem evidenciado em versos como “Nosso céu tem mais estrelas/ Nossas várzeas têm mais flores/ Nossos bosques têm mais vida”.

Após esse primeiro momento, propôs-se uma atividade de análise comparativa envolvendo poemas que dialogam entre si, todos relacionados, de alguma forma, ao poema-fonte. Organizados em grupos, os estudantes receberam o original de Gonçalves Dias e um dos seguintes poemas: “Canção do exílio, meu lar”, de Casimiro de Abreu; “Canto de regresso à pátria”, de Oswald de Andrade; “Canção do exílio”, de Murilo Mendes; “Uma canção”, de Mário Quintana; “Pátria minha”, de Vinícius de Moraes; “Nova canção do exílio”, de Carlos Drummond de Andrade; “Sabiá”, de Tom Jobim e Chico Buarque; e “Canção do exílio facilitada”, de José Paulo Paes. A proposta consistia em analisar os textos a partir de seu contexto de produção, circulação e recepção, observando marcas linguísticas, identificando vozes sociais e valores veiculados, bem

³ Na Educação Profissional e Tecnológica, a formação ocorre nas modalidades articulada ou subsequente ao Ensino Médio. Quando articulada, pode tanto ser de modo integrado, oferecida a quem já concluiu o Ensino Fundamental; quanto concomitante, recebendo ingressantes ou estudantes que já estejam em curso no Ensino Médio em outra instituição, que não a da Rede EPT. Já na forma subsequente, a Educação Profissional é desenvolvida por meio de cursos destinados exclusivamente para quem concluiu o Ensino Médio (BRASIL, 2026).

como estabelecendo relações intertextuais e discutindo os conceitos de paródia e intertextualidade.

Essa etapa mostrou aos estudantes que a releitura constitui prática recorrente no campo literário e que o poema de Gonçalves Dias foi, ao longo do tempo, retomado, tensionado e ressignificado por diferentes autores e em distintos contextos históricos. Ao discutir o trabalho com poesia na escola, Silva (2021) problematiza concepções restritas acerca do fazer poético, frequentemente vinculadas apenas a estruturas formais e à legitimação por autores consagrados. Segundo a autora, “o problema não está na utilização destes métodos, mas na consideração de que a poesia só seria algo que se encaixasse nesses padrões” (SILVA, 2021, p. 475). Tal reflexão dialoga diretamente com a proposta desenvolvida neste trabalho, uma vez que as releituras produzidas pelos estudantes evidenciam a poesia como espaço de autoria e de criticidade em relação às questões que permeiam o Brasil contemporâneo.

Nessa mesma direção, Silva (2021, p. 475) defende que a escola deve “abrir espaço para novas formas de poesia”, reconhecendo-as como igualmente legítimas no contexto educacional. Essa perspectiva torna-se especialmente relevante na experiência aqui analisada, pois as produções discentes não buscaram apenas reproduzir o poema de Gonçalves Dias, mas ressignificá-lo a partir das vivências, inquietações e percepções dos próprios estudantes.

A partir disso, foi proposta a elaboração de uma releitura contemporânea do poema “Canção do exílio”. Os estudantes foram convidados a dialogar com o texto original, mobilizando questões atuais que atravessam a realidade brasileira sob o olhar de sujeitos residentes em um espaço geográfico marcado pelas suas especificidades, como é o caso de Garopaba e seu entorno, que têm na pesca e no turismo as principais atividades econômicas, fato que se faz evidente em algumas das escritas desenvolvidas na atividade.

As produções foram socializadas em sala de aula, discutidas coletivamente e revisadas. Como forma de ampliar a circulação das escritas, construiu-se um varal literário no corredor da escola, expondo os poemas para que a comunidade escolar pudesse lê-los e votar em seu texto favorito. Posteriormente, realizou-se um sarau literário, com a apresentação de poemas do Romantismo trabalhados em aula e das releituras produzidas pelos estudantes, promovendo um momento de fruição estética e compartilhamento das produções.

Figura 1 - Varal literário com exposição das releituras produzidas pelos estudantes e sarau literário ⁴.



Fonte: acervo das autoras.

Por fim, os poemas produzidos pelos estudantes foram organizados e publicados no e-book *Canções do exílio*, que reúne as escritas poéticas e as ilustrações produzidas pelos estudantes envolvidos com a proposta. O e-book foi publicado pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e disponibilizado no portal institucional (SILVEIRA; SPESSATTO, 2020). Em razão do

⁴ Rostos desfocados para preservar a identidade dos estudantes.

contexto da pandemia de covid-19, o lançamento da obra ocorreu em formato on-line, ampliando ainda mais o alcance da experiência.

Figura 2 - Capa do e-book *Canções do exílio*.



Fonte: Silveira e Spessatto (2020).

Com a concretização do trabalho em formato de e-book, a prática com a leitura e a produção textual ultrapassou o espaço estritamente escolar, inserindo os estudantes em práticas reais de circulação da escrita e possibilitando que assumissem um lugar efetivamente autoral. A valorização da autoria discente atravessa pesquisas anteriores desenvolvidas pelas autoras. Silveira e Spessatto (2021), ao analisarem a produção de fanzines no Ensino Médio, destacam que os estudantes participantes da proposta passaram a ocupar “um espaço real de criação autoral, no qual puderam materializar diferentes manifestações de linguagem, revelando suas visões de mundo, seus argumentos, seus posicionamentos” (SILVEIRA; SPESSATTO, 2021, p. 397). Tal perspectiva aproxima-se da experiência aqui analisada, uma vez que as releituras produzidas pelos estudantes a partir do poema “Canção do exílio” também evidenciam a assunção da autoria, da criticidade e da ressignificação de sentidos sobre o contexto social atual do país.

3 Produções discentes e efeitos de sentido: movimentos de releitura

As releituras poéticas produzidas pelos estudantes evidenciaram deslocamentos significativos em relação ao texto-fonte, revelando diferentes modos de ressignificar sentidos historicamente associados ao poema-fonte.

A partir da leitura e da análise das produções dos estudantes, foi possível identificar recorrências de algumas temáticas que, embora não tenham sido previamente definidas como categorias analíticas, emergiram do próprio conjunto de poemas. Tais recorrências foram organizadas em sequências discursivas, compreendidas aqui não como classificações, mas como movimentos de produção de sentidos.

Se, no poema de Gonçalves Dias, a natureza aparece idealizada como símbolo da identidade nacional – “*Minha terra tem palmeiras/ onde canta o sabiá*” –, nas releituras dos discentes, ela se encontra tensionada pela denúncia à crise ambiental brasileira, como pode ser constatado nos poemas “Canção de alerta” e “Exílio das palmeiras”:

Ismael de Campos Couto

Canção de alerta

A Amazônia tem Palmeiras,
Onde cantam os sabiás.
Tinha que lhe mostrar,
A beleza deste lugar.
Mas olhe agora como está,
A destruição tomou conta deste lugar.
Tomou-me uma saudade
das cores e formas,
Das belezas naturais,
De me banhar nessas águas,
E me entristece, pensar que isso não existe mais.
Desmatam as florestas
Mas reclamam do clima.
poluem os rios,
Mas reclamam da sede.
Continuem desmatando,
Continuem se matando.
Enquanto isso, no andar de cima
Eles colocam vendas, e ignoram.
Ao invés de se preocuparem com a natureza
Ficam se perguntando: “o que é Golden
Shower?”
Lutem por um mundo melhor,
Lutem pelos indígenas,

Lutem pela Amazônia,
Todos pedem socorro!

Exílio das palmeiras

Charles Honorato Batista

Minha terra tinha paisagens,
Mas protestos nunca há.
Minha terra tinha belezas,
Mas não são mais como as de lá.
Os sabiás cantam socorro,
Enquanto ajuda nunca vem,
Todos eles morrem aos poucos,
Enquanto o homem olha com desdém.
Nossa terra hoje é impura,
E carece de esperanças;
O homem destrói com sua loucura,
Nossa terra, e suas crianças.
Por que há de deixar isso,
Seja Deus ou a nação;
Por que aniquilam essa terra,
Do fundo do meu coração?

Ao analisar as duas produções, é possível perceber que a natureza, símbolo amplamente explorado no Romantismo, deixa de ocupar o lugar de exaltação para assumir um espaço de denúncia e de crise ambiental. Em ambos os textos, observa-se a retomada explícita da estrutura linguística do poema original, especialmente por meio da repetição de expressões como “minha terra” e da presença do sabiá como elemento simbólico. No entanto, o que no poema de Gonçalves Dias se configurava como exaltação, nas produções dos estudantes surge tensionado pela ideia de perda e destruição, agora “*Os sabiás cantam socorro*” ou ainda “*Todos pedem socorro!*”. Esse funcionamento discursivo é reforçado no verso “*A Amazônia tem Palmeiras*”, do poema “Canção de alerta”; o contraste é marcado pela ruptura discursiva presente em “*Mas olhe agora como está*”, instaurando um movimento de oposição entre passado e presente. Já no poema “Exílio das palmeiras”, o uso do verbo no passado (“*Minha terra tinha...*”) reforça a dimensão desse apagamento e da degradação do meio ambiente tão presentes no atual contexto brasileiro.

Em ambos os textos, temos a representação de um exílio simbólico, ou seja, não o afastamento físico da pátria, como no contexto de Gonçalves Dias, mas, sim, um distanciamento entre o imaginário idealizado do período do Romantismo e a realidade socioambiental do Brasil contemporâneo, como bem revelam os versos “*A destruição tomou conta deste lugar/ [...] Desmatam as florestas / [...] Poluem os rios*”.

Outro campo semântico muito recorrente nas produções dos estudantes refere-se às questões de violência e de preconceito racial. O exílio, nesse contexto, não se dá por vias geográficas, mas pela dimensão social e subjetiva. Observemos os poemas a seguir:

Canção da dor

Luiz Henrique Adelino Monteiro

Minha terra é uma favela,
Onde cantam as sirenes,
Os tiroteios disparam na viela,
E os clamores são frequentes.
Nosso céu não tem estrelas,

Nossos amigos já se foram,
Nossas dores são companheiras,
E nossos ódios afloram.
Em chorar, sozinho à noite,
Nenhum prazer encontro aqui,
Minha terra tem o som da morte,
E eu só tenho vontade de fugir.
Ao ver o policial lembro da voz dos
meus pais:

Se estiver com alguém,
Torça para que não tenha nada,
Senão já era para vocês dois.
Mantenha as mãos à vista,
Não faça movimentos repentinos,
Não fale e deixe-o fazer a revista,
Porque negros não têm direito de ser
meninos.
Não permita Deus que eu morra,
Ou que deixe de sonhar,
Que sinta não a dor,
Nem ódio devastador,
Que me impeça de amar.

A canção da dor

Beatriz da Rosa Prates

Meu Brasil tem problemas,
Tantos que nem podemos contar;
Onde o pobre não tem vez,
E só o rico pode prosperar.

Nossos rios têm mais esgoto,
Nosso governo tem mais corrupção
Nas nossas várzeas faltam flores
Na nossa vida tem mais decepção.
Se cismar em sair à noite
Pode até não voltar,
Meu país tem bandidos
Prontos para te matar.
Minha terra tem horrores,
Que não encontro em outro lugar
Os ricos roubam dos pobres
Sem nem se preocupar.
A situação está terrível
E a tendência é piorar.
Não permita Deus que o país afunde,
Sem ao menos lutar,
Sem o povo brigar por seus direitos,
Que foram tão difíceis de conquistar
Sem que mostre para o governo
Quem é que manda neste lugar.

Sobre essas produções, vale destacar, primeiramente, a similaridade dos títulos: “A canção da dor” e “Canção da dor”. Eles indicam que a temática do canto não se dá pela saudade da terra natal, e sim pela dor concreta, gerada pelo contexto social de violência e discriminação racial, infelizmente, ainda tão recorrente no país. O campo semântico relacionado ao ambiente no texto-fonte – “sabiá”, “palmeiras”, “céu tem mais estrelas” – cede lugar a “favela”, “sirenes”, “tiroteio”. Se Gonçalves Dias destacou, em seus versos, “*Minha terra tem palmeiras / [...] Minha terra tem primores*”, os estudantes, inseridos em um contexto temporal e social permeado pela violência, versam o contrário: “*Minha terra é uma favela*” [...] / *Minha terra tem o som da morte*; “*Meu Brasil tem problemas*” / [...] “*Meu país tem bandidos*” / [...] “*Minha terra tem horrores*”.

A escrita poética desses jovens assume um tom explícito de denúncia, ao trazer à tona uma das questões mais dramáticas do Brasil: o preconceito racial. O país é evidenciado não como aquele que acolhe, mas como um espaço de risco permanente, como revelam os versos “*Ao ver o policial lembro da voz dos meus pais: Se estiver com alguém, / Torça para que não tenha nada, / Senão já era para vocês dois. / Mantenha as mãos à vista, / Não faça movimentos repentinos, / Não fale e deixe-o fazer a revista, / Porque negros não têm direito de ser meninos*”.

Por mais que este não seja o foco do presente trabalho, é preciso observar que a escrita-denúncia do estudante acende o alerta para a importância de abrir espaço na sala de aula para obras literárias que discorrem sobre problemáticas sociais. Essas iniciativas precisam ser tomadas na perspectiva apontada por Soares (2004, p. 31), para quem a leitura literária “democratiza o ser humano porque traz para seu universo o estrangeiro, o desigual, o excluído, e assim nos torna menos preconceituosos, menos alheios às diferenças – o senso de igualdade e justiça social é condição essencial para a democracia cultural”.

Vale ainda destacar que, no conjunto das produções escritas pelos estudantes, alguns poemas constroem sentidos voltados à esperança em um país mais humano e igualitário, com temas associados à valorização cultural e ao sentimento de pertencimento ao território. É o que pode ser percebido nos poemas intitulados “Canção cultural” e “Canção à terra natal”:

Canção cultural

Beatriz Mello

Minha terra tem cultura,

De muitos anos atrás;
Deixada por açorianos,
Que são nossos ancestrais.
Eles vieram em busca,
De novas terras para morar.
Encontraram aqui os índios,
Que já viviam no lugar.
Nossas águas tem mais peixes,
Nossas várzeas dão mais frutos,
Encontraram mais sementes,
E técnicas para conquistar produtos.
Para nós ficaram influências,
Desde a culinária até a forma de falar.
Minha terra tem cultura,
E tainha para assar.
Quando gerava boas safras,
Dançavam e brincavam para
comemorar,
Com toda essa festança,
Para todos alegrar;
Minha terra tem cultura,
Orgulho eu tenho de falar.
Não permita Deus que eu morra,
Sem poder antes contar;
Para cada novo habitante,
A história do meu lugar!

Canção à terra natal

Amanda Silveira Cabral

Imbituba, minha terra,
Um paraíso recheado de beleza.
As ondas que aqui se passam,
Encantam com toda certeza.
O céu tem tantas estrelas,
No verão, o sol é radiante.
É tão incrível!
Algo que nunca vi antes.
Querida Imbituba!
Terra tão especial,
Tanto prazer encontro em ti,
Uma beleza crucial.
Minha paixão por ti é imensa,
Do Brasil, até quem sabe, ao Canadá,
Não troco por nada, querida;
O conforto que tu me dás.
Não permita, meu Deus, que eu morra,
Sem que eu volte para lá.
Para mergulhar uma última vez.
Nas águas do meu querido mar.

As duas produções apontam para perspectivas otimistas inspiradas pelo poema “Canção do exílio”, assim como colocam o espaço em que vivem (Garopaba e Imbituba) em primeiro plano a partir do exercício de escrita criativa. Essas observações reforçam o papel da leitura e da escrita como práticas que se inscrevem na constituição dos sujeitos e em suas formas de inserção na sociedade. Portanto, torna-se fundamental problematizar os modos pelos quais tais experiências são significadas no campo educacional, como afirma Castrillón (2011, p. 60-61):

Antes de mais nada, a educação deve permitir a reflexão, o autoconhecimento, o conhecimento e a aceitação do outro. Deve ser uma educação para o diálogo e para a comunicação. Uma educação voltada para a descoberta das potencialidades de cada indivíduo é capaz de desenvolvê-las. Uma educação que forme e respeite a autonomia, que permita que descubramos como cidadãos de um país sem renunciar à possibilidade de sermos cidadãos do mundo. Uma educação apaixonada pela ciência e, nem por isso, menos alegre. Uma educação que retome seus princípios humanísticos, que coloque o ser humano no centro das preocupações e que o trate como sujeito. E, em tudo isso, a leitura e a escrita terão de ser protagonistas.

À luz dessas considerações, a experiência pedagógica aqui analisada reafirma a literatura não apenas como objeto de estudo curricular, mas como prática cultural capaz de contribuir para a formação de sujeitos críticos, sensíveis e participativos, evidenciando a potência da leitura e da escrita literária enquanto dimensões constitutivas da vida social. Nessa direção, Sara Bertrand (2021, p. 30-31) destaca que:

Preparar nossos jovens estudantes para que desenvolvam pensamento político, questionem suas próprias crenças e interpretem esse papel da juventude que é tão necessário para as sociedades e que oscila entre a construção do que nos faz sentido e a destruição do que nos paralisa, exige boa educação. Muitas décadas dormimos o sono da sociedade de consumo, a arrogância da

apropriação, é hora de voltar ao lápis e papel, que nossos meninos e meninas possam traçar seus caminhos e propor uma nova orientação. E, para isso, o que ler importa. Para nutrir o pensamento crítico é necessária literatura pura e sólida. Que não nos esqueçamos disso.

Por fim, o convite à leitura crítica e à produção textual, que resultou na publicação da coletânea *Canções do exílio*, surtiu efeitos potencialmente duradouros na vida dos estudantes envolvidos, não somente no que diz respeito à reflexão, à formação de leitores e ao desenvolvimento das habilidades exigidas pela BNCC, mas principalmente no deslocamento desses jovens ao lugar de autoria, um espaço muitas vezes relegado aos sujeitos inseridos no contexto social desses estudantes. Para fechar esta análise, recuperamos alguns dos depoimentos que revelam as percepções dos estudantes-autores em relação à proposta:

“Nunca achei que teria uma obra publicada, antes mesmo de terminar o ensino médio. É extremamente gratificante ver nosso empenho dando resultados. Diferentemente de outros, esse trabalho vai deixar um marco, pois não apenas buscamos uma nota, mas sim um projeto maior. O que esse projeto me fez compreender é que todos somos capazes de fazer literatura.” Beatriz R. Prates. (SILVEIRA; SPESSATTO, 2020, p. 77).

“Foi uma ótima atividade para incluir os alunos no campo da poesia (ao trabalhar com o poema “Canção do exílio”, explorando a cultura nacional), em conjunto com a oportunidade de fazer uma reflexão sobre nosso país e nossa cultura, podendo então expor as nossas opiniões artisticamente.” Kauan Magnabosco. (SILVEIRA; SPESSATTO, 2020, p. 77).

Se, como diz Zilberman (2008, p. 17), “a leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade”, possibilitar a escrita autoral dá ainda mais vazão a esse caráter. É o que mostram os resultados da análise da experiência aqui compartilhada.

4 Considerações finais

Com base na experiência relatada, pode-se evidenciar que o trabalho com o gênero poema pode constituir-se como um espaço efetivo de autoria, reflexão crítica e produção de sentidos. As produções escritas pelos discentes revelam que, ao serem inseridos em práticas significativas de leitura e escrita, os estudantes não apenas reproduzem estruturas textuais, mas mobilizam discursos, tensionam sentidos e elaboram posicionamentos acerca de sua realidade social e de seu país, como demonstrado nas diversas *Canções do exílio*.

Mesmo diante de enunciados marcados pela crítica, pela denúncia ou pelo desencanto, emergem também sentidos associados à esperança, indicando que o espaço da escrita literária pode funcionar como território simbólico de elaboração, resistência e projeção de futuros possíveis. Tal deslocamento analítico torna-se particularmente relevante quando se considera que o trabalho com a leitura e a escrita extrapola o âmbito estritamente escolar, configurando-se como práticas culturais e sociais implicadas na constituição dos sujeitos e em suas formas de participação no corpo social. Nessa direção, vale retomar o que afirma Castrillón (2011), para quem a leitura e a escrita devem ser compreendidas como direitos e como necessidades vinculados à participação cidadã, e não como um luxo ou mera obrigação escolar.

No fim desse percurso de experimentação com a escrita criativa na sala de aula, entendemos que a literatura, quando mediada por uma escola comprometida com a formação humana, por professores atentos à potência da linguagem e abertos a práticas pedagógicas que buscam valorizar a autoria e a circulação de produções literárias, tem potencial para se tornar uma ferramenta profícua para o desenvolvimento do pensamento crítico. Se, como afirma Bertrand (2021), é preciso literatura sólida para nutrir o pensamento crítico, acrescentaríamos que é igualmente necessário garantir boas escolas, bons professores e, sobretudo, espaços em que a poesia possa circular, ser recriada e apropriada pelos jovens estudantes como forma de compreender e transformar a sociedade em que vivem. Que possamos, cada vez mais, estar atentos às vozes dos estudantes.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. A educação do ser poético. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jul. 1974. Disponível em: <http://www.jornalescolar.org.br/wp-content/uploads/2019/04/texto-poesia-a-educacao-do-ser-poetico-13062012.pdf>. Acesso em 30 mar. 2025.
- BERTRAND, Sara. **Patos e lobos-marinhos**: conversas sobre literatura e juventude. Tradução Cícero Oliveira. São Paulo: Solisluna, 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 11 mar. 2026.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Educação Profissional e Tecnológica**. Brasília, DF: MEC, 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/ept>. Acesso em: 11 mar. 2026.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro e Azul, 2006.
- CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e escrever**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.
- LAJOLO, Marisa. A literatura no reino da linguagem. In: REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar**: literatura, escrita e educação. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- SILVA, Alessandra Monteiro da. A importância da poesia digital no acesso à literatura. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 471-482, jan./jun. 2021. DOI: 10.22456/2595-4377.111172. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/111172>. Acesso em: 11 jun. 2026.
- SILVEIRA, Luana de Gusmão; SPESSATTO, Marizete Bortolanza (org.). **Canções do exílio**. Florianópolis: Publicação do IFSC, 2020. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/documents/30701/523474/Livro+Can%C3%A7%C3%B5es+do+Ex%C3%ADlio/de6bd826-a13c-4b77-b2dc-5df816ff1742>. Acesso em: 20 fev. 2026.
- SILVEIRA, Luana de Gusmão; SPESSATTO, Marizete Bortolanza. A produção de fanzines como recurso para o ensino de leitura e produção de textos: análise de uma experiência com estudantes de cursos técnicos de nível médio. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 391-402, 2021. DOI: 10.22456/2595-4377.109140. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/109140>. Acesso em: 11 jun. 2026.

SOARES, Magda. Leitura e democracia cultural. In. PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (org.). **Democratizando a leitura**: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 11–22, 2008. DOI: 10.11606/va.v0i14.50376. Disponível em: <https://revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em: 11 jun. 2026.

Contribuição da autoria:

Luana de Gusmão Silveira: Conceitualização, Metodologia, Redação, Organização e Revisão.

Marizete Bortolanza: Conceitualização, Metodologia, Redação, Organização e Revisão.

Data de submissão: 07/05/2026

Data de aceite: 18/06/2026